

1.

A física e astronomia falam hoje de dois impulsos principais no Universo:

... o de expansão (que, segundo a teoria predominante, teria vindo do *big bang*), pelo qual tudo tende a se separar e a se espalhar pelo universo – até quem sabe sumir de tão rarefeito na infinitude do infinito...

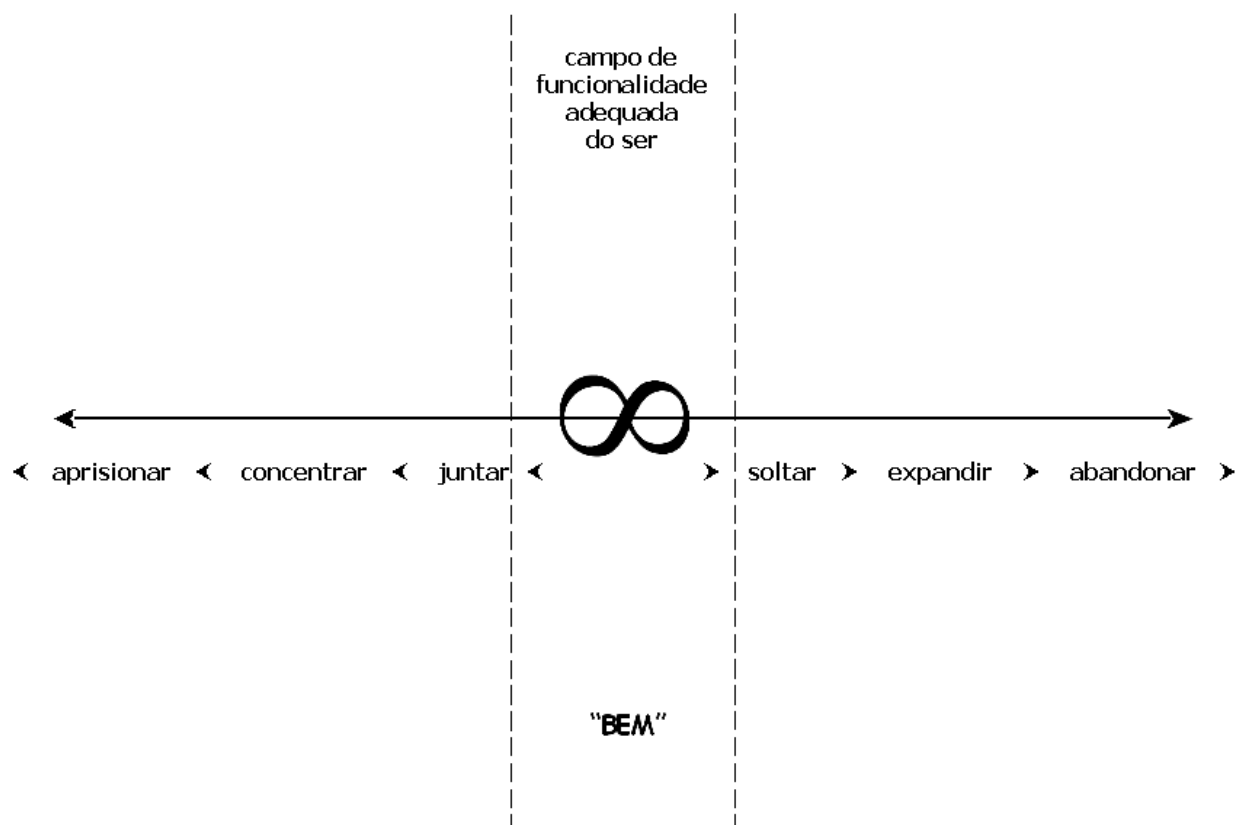
... e o gravitacional, pelo qual as coisas tendem a se unir... se apertar umas nas outras... até que fiquem tão apertadas que toda diferenciação seja esmagada, e tão presas umas nas outras que nem a luz escape mais desse lugar: o buraco negro, que, ao contrário do que o nome sugere, é um lugar de *excesso* e não de falta.

E no entanto existem galáxias, sóis, planetas, vida...

Um pouquinho mais de gravidade, e tudo se acabava numa união tão densa que nenhum ser teria chance de existir.

Um pouquinho mais de expansão e, tudo se afastaria tanto que só restaria um vazio...

E se expansão e gravidade estivessem equilibradas com exatidão?... Então *não* teríamos um mundo equilibrado: teríamos **nada**.



2.

Existir é gingar permanentemente entre duas possibilidades de desequilíbrio.

Existimos enquanto dura a dança. *Somos a dança.*

Mas a dança só existe se houver dois impulsos opostos brincando de acabar um com o outro, e nunca acabando de fato.

Não estou falando “do bem e do mal”. Nenhum deles é o bem. De cada um deles sozinho se pode dizer que é mau: um destrói a vida e a existência em vazio e abandono. A outro a sufoca em excesso de união e de substância.

E a união dos dois deixando de lado suas diferenças seria o suicídio universal.

Convívio de diferentes enquanto diferentes – sem se afastarem demais um do outro, sem se unirem ao ponto de anular as diferenças. **Convívio** inclusive dessas duas possibilidades de mal... pois a supressão de qualquer uma delas seria a efetivação do outro mal. O bem não está nunca em uma parte nem em outra: **o bem está no convívio.**

3.

O amor une ou separa? O amor prende ou liberta?

Lá onde se sufocam as diferenças até tudo “se empedrar” e mergulhar em escuridão – pode-se aí falar de amor?

Lá onde tudo se perde no vazio, no frio e no abandono – pode-se aí falar de amor?

Os planetas não são corpos abandonados no vazio: têm um sol em torno do qual dançar, e em condições especiais até vemos um deles fecundado pela energia do sol, dando nascimento à vida... Mas não se unem ao sol. Unir-se seria o fim de toda graça. Fim de jogo. Ir embora cada um pro seu lado também.

Entre o aprisionamento e o abandono irresponsável, entre a dependência excessiva do outro e uma independência unilateral sem coração... lá talvez exista uma faixa em que o impulso de união e o de liberdade dançam juntos, sem se separar e sem se anular. Numa dança que é provavelmente o que mais merece o nome de **amor**.

Na China: a existência como a dança perpétua do impulso yang e do impulso yin, os dois gestos do Tao – a realidade última além da nossa compreensão;

Na Índia: o Universo como a dança que a divindade faz existir a cada instante com seus dois pés em movimento;

No cristianismo: Deus é amor. Ou “a condição pela qual tudo existe é Amor”.

4.

E nós?

A cada momento cada um de nós é tentado a dominar. Mas se de fato ama, não quererá ver o outro destituído da sua dignidade humana, dignidade que vem toda do poder de escolher por si. (A menos que esteja na verdade à procura de um animal de estimação).

A cada momento cada um de nós é tentado a abandonar. Mas enquanto o amor está em nós, está também a responsabilidade voluntária pelo que se fez – marca de todo ser que cresceu e já não só recebe, mas se tornou capaz de gerar.

(Afim, o amor é ou não é capacidade de gerar?)

A cada momento uma *escolha*. Para lá do mero impulso espontâneo, animal, que vem e que passa, o amor é a cada instante *um ato de decisão*.

Não faz sentido falar de amor a não ser quando se exerce a capacidade de escolha: *liberdade*.

Não se verdadeiramente cria se não por amor, e não se verdadeiramente cria senão por decisão interna livre do nosso ser. Sem liberdade fazem-se coisas. Mas não se *cria*.

5.

Liberdade e amor são duas capacidades de uma coisa só: daquilo em nós que é capaz de criar.

Daquilo que é capaz de criar.

Daquela que é capaz de criar, seja em nós, seja onde for.

Mas nada existe se não tiver primeiro se feito dois. Dois que dançam um com o outro, sem voltar a ser um, e sem deixar de ser um: um *par*.

Não existe existir sozinho: só existe existir *com*.

6.

Com-viver.

Não existe apenas viver, sem “com”; todo viver depende de que também vivam outros, que vivem *com*.

Rede.

Não aceitar o *com* é investir em que a existência se extinga.

E por que não? *Existir é difícil...*

Mas... será mais fácil o *desistir*?

Tentar desistir. Arrastar consigo um mundo moribundo, eras a fio... todas as partes em sofrimento... porque não queremos mais existir – mas, querendo ou não, enquanto ainda existimos, existimos-com.

Por que, afinal, algo veio a existir?

Não, não me responda. Não será verdade. É mais.

E se ficarmos esperando a resposta, não vamos com isso deixar de existir: vamos seguir existindo em sofrimento-com –

... por não estamos nos doando o suficiente pra que existir seja dança. E seja prazer. Dança-com-e-prazer-com.

Aceitar existir, apesar de todas as dificuldades, talvez seja o princípio do fim das dificuldades.

Desde que se entenda que existir é existir-com.

7.

Mesmo com todas as dificuldades, fazer com que algo exista mediante aceitar o “com”: esse é o ato do amor.

E sem ele nada do que foi feito se fez.

¹ A última frase do texto procede do Evangelho de João (1:2); “Deus é amor” procede de outro livro bíblico tradicionalmente atribuído ao mesmo evangelista, e se encontra em I João 4:16.

Este texto de 2008 foi concebido como capítulo final de ***Liberdade socialmente sustentável: uma introdução à Filosofia do Convívio e a algumas das suas aplicações***, disponível em <www.tropis.org/biblioteca/libsocsus.pdf>, onde se encontra com o segundo título. Com o terceiro título foi publicado em blog como texto filosófico-poético independente, em <<http://pluralf.blogspot.com/2008/02/uma-pequena-cosmologia-fsico-potica.html>>. Com o primeiro título, foi incluído ainda como Apêndice IV (final geral) na monografia de pós-graduação ***Aos que podem salvar o mundo: a Filosofia e Pedagogia do Convívio e seu apelo por uma nova consciência & arte dos pais***, disponível na íntegra em <<http://www.tropis.org/biblioteca/aosquepodemsalvaromundo.pdf>>, e em 13.04.2011 está sendo publicado na **Biblioteca Virtual Trópis** como separata.